

CMP 2.1 I. 137

24-II-1978

Tendências/Debates

Os artigos publicados com assinaturas dos autores não traduzem necessariamente a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Selvas e Encostas

TRISTÃO DE ATHAYDE

Que haverá de comum entre o Rio de Janeiro e o Araguaia? Entre um falso rio e um dos mais vastos e autênticos representantes da nossa potamografia? Entre a praia mais sofisticada e o sertão mais bravo? E que ambos são ou podem ser desumanos. E que os homens são os mesmos trogloditas ou voltam a sê-lo, em plena civilização como em plena barbária. E que a praia e o sertão formam um círculo vicioso, quando a cupidez inata da pecúnia nivela todas as contradições do progresso material.

Muito se tem falado da luta apostólica de alguns bispos do nosso extremo Oeste, e particularmente de um d. Pedro Casaldáliga, de um d. Alano Serra, ou do assassinado jesuíta João Bosco Penido Burnier, contra os tentáculos das grandes companhias latifundiárias sobre os pequenos posseiros cultivadores daquela terra indócil e herdeiros de gerações sucessivas a ela ligadas de pais a filhos. Assistimos, agora mesmo, sob pretexto de um falso nacionalismo, ao afastamento dos estudiosos norte-americanos de Summer Institute of Linguistics, que trabalhavam nas malocas dos índios daquela região. É mais um passo para impedir que pequenos posseiros continuem donos de seus sítios e que os indígenas continuem donos de suas aldeias e de sua cultura própria, para facilitar uma falsa "integração" das populações autóctones, facilitando a marcha implacável dos tratores latifundiários. Sempre a mão implacável dos fortes, invocando pretextos hipócritas, para se locupletarem com a opressão dos fracos e dos pobres. Ou dos carentes, como semanticamente se procura hoje em dia evitar a menção da palavra pobres, que pode naturalmente despertar a fúria policial dos defensores da desordem estabelecida, em nome da anti-demagogia.

Essa luta, porém, se passa a milhares de quilômetros de nossas praias e de nossas grandes metrópoles supercivilizadas. E dela só ultimamente se tem notícia, exatamente porque a Igreja pós-conciliar passou a se preocupar, diretamente, com esse problema da opressão sobre os marginalizados, em nome de uma autêntica teologia da libertação.

Agora, porém, começamos a ver, com nossos próprios olhos, que o problema é o mesmo, ou muito semelhante, seja no alto Araguaia como nas favelas cariocas. É sabido que o termo favela começou a ser aplicado no Rio e se estendeu pelo Brasil afora, depois da guerra de Canudos, como expressão dos bairros mais pobres e miseráveis das grandes cidades. Há quase um século, portanto. A massa espantosa dessa população de "favelados" vem aumentando em proporção geométrica ao luxo urbano dos bairros ricos. Os barracos crescem como abóboras pelo terreno, na medida em que sobem como espigões os arranha-céus. A carência, aqui como por toda parte do mundo, é a companheira funesta da afluência. Medalha trágica do luxo e da miséria. E nem por isso a imprevidência humana, a concupiscência capitalista e a ambição política deixaram de sobrepor-se às advertências das vozes que há muito se vêm levantando contra essa monstruosidade urbanística. Há trinta anos que se vem arrastando, em vão, o debate entre os que advogam, pragmaticamente, a remoção das favelas, e os que, com toda lucidez, defendem a sua urbanização.

Essa remoção apenas aumenta e multiplica o problema catastrófico e crônico das grandes capitais, isto é, a distância entre os locais de moradia e os locais de trabalho. O drama das madrugadas, com os trabalhadores vindo em massa dos subúrbios à Zona Sul, e o dos crepúsculos vespertinos, de sua volta ao lar, é uma tragédia cotidiana, com efeitos morais, psicológicos e econômicos incalculáveis e indesculpáveis. Quem não se lembra ainda da luta do padre Artola contra uma dessas remoções violentas para a Vila Kennedy, em face da incipiente valorização imobiliária dos subúrbios próximos? O mesmo fenômeno, agora agravado, se reproduz na famosa jóia da Zona Sul, a estrada do Niemeyer, a veia jugular da expansão da cidade, em caminho das praias da Tijuca. Por anos a fio, os moradores da chamada encosta do Vidigal, em cuja praia tomei muitos banhos de mar em menino, se conservaram a salvo da avidez dos tubarões imobiliários, resguardados pela ameaça dos deslizamentos de terra. Construíram-se, porém, nos terrenos menos arriscados e mais planos, os mais luxuosos hotéis da cidade. Com isso cresceu a gula dos terrenófagos, mesmo em zonas íngremes que só os "carentes" ocupavam. E de um momento para outro cresceu, também o zelo municipal pelos perigos dessa população montanhosa. Dezenas de famílias que residiam ali há dez, vinte ou mais anos, perto dos seus locais de trabalho, se viram ameaçadas de perder quatro ou cinco horas diárias, como acontece a seus irmãos suburbanos. Se é impossível, enquanto não muda a mentalidade capitalista, resolver o fenômeno dessa discriminação, entre local de moradia e local de trabalho, pelo menos não se aumente o número de suas vítimas.

Tudo indica que essa fúria removedora, das autoridades, é resultado de pressões econômicas provenientes da especulação imobiliária, que cresce na proporção direta da macrocefalia das cidades modernas ou modernizadas como o Rio. Dizia um velho provérbio romano que "post hoc ergo propter hoc". O que sucede é consequência do que antecede. Até hoje os moradores da encosta do Vidigal não foram objeto

do carinho municipal ou estadual, se não federal. Faziam parte tranquilamente daquele espetáculo magnífico de montanha e mar, que o professor Hadamard, o grande matemático, dizia ser a marca típica da paisagem carioca. Tudo mudou com o crescimento da importância turística e desfiguradora das encostas vidigalenses. Nem é por acaso que o Governador da Fusão começa a se preocupar com a falta de água de outras favelas, em um ano de "eleições" e em vésperas de mudança de regime. E se aproveita dessa urbanização precipitada para trazer água a seu moinho, isto é, pedir votos para seu partido. Mas antes essa urbanização a galope

do que a remoção forçada dos vidigalenses, ante a onda de especulação imobiliária.

O que há, em tudo isso, é que os dramas do remoto Araguaia não são muito diferentes das tragédias dos cariocas "carentes". Cá e lá, a corda arrebenta onde é mais fraca. E os favelados das metrópoles e das encostas são tratados como os pequenos posseiros dos sertões e das selvas. Mas ainda há juizes no Brasil.

Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima) é ensaísta, crítico literário e pensador católico, dos mais influentes de sua geração.

Uma Estranha Negociação

BERNARDO G...

De acordo com... do próprio pres... é o primeiro... mundial qu... Então sob...

Cheg... cebid... esta... Isr... ap... af... n...